



O Comunista

SEMANARIO—Órgão do Partido Comunista Português

Propriedade do Grupo Editor O COMUNISTA

EDITOR — José Rodrigues

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. do Arco da Ribeira, 30, 2.º D. — LISBOA

REDATOR PRINCIPAL
MANUEL RIBEIRO
SECRETARIO DE REDAÇÃO — Caetano de Souza

ADMINISTRADOR — Inácio Cunha

COMPOSTO E IMPRESSO
Tip. do "Jornal da Europa" — Rua de São Paulo, 150 — LISBOA



O momento

Dos acontecimentos que se desenrolaram na cidade e a que não foram alheios os trabalhadores e o povo em geral, devemos tirar o maior proveito possível no sentido moral e material, sem nos imiscuirmos no movimento que orientado e acionado por políticos devia necessariamente ter uma celebração política e não social.

Não chegou ainda a ocasião para o proletariado agir e impôr a sua vontade. O capitalismo fica como dantes soberano e dominador em todas as múltiplas formas do poder. As oligarquias resistentes não sofrem a menor beliscadura na sua olimpica integridade. O Trabalho não se desenvencilhou das suas linhas de ferro, eterno escravo dos senhores e poderosos. Mas seria um crime que os sociais não recolhessem benefícios, minimos que fossem, da quota parte do seu esforço, benefícios não pessoais e da classe, entende-se bem, mas gerais e aproveitando a toda a efectividade.

Se o operariado fosse lançar-se em greves visando unicamente um aumento de salário ou determinadas regalias associativas daria provas não só de egoísmo monstruoso, mas de insensatez deplorável. O operariado deve impôr-se e reclamar um amplexo desafogo para todos — mas para todos — na gargalheira económica que nos asfixia a todos. É preciso que ele exija não aumento de salário mas o barateamento da vida. Nós compreendemos noutros tempos as greves de salários como nivelamento. Era tristeza outrora a remuneração de certas classes operárias comparada à do funcionalismo estatal e outras categorias de trabalho. As greves também levavam dantes o patronato a ceder um pouco dos seus benefícios. Mas as greves de hoje, com o grau de desmoralização a que se chegou, desejam-nos até os industriais como pretexto para aumentarem os seus lucros elevando desenfreadamente o preço das coisas. Por cada centavo que se cede ao operário como trabalhador rouba-se-lhe dez como consumidor. As classes operárias sabem isto muito bem.

A melhor tática que conquistará o apoio geral da população e auxiliará até a obra do governo revolucionário, que nos dias é sempre bem intencionada como a de todos os governos anteriores dum revolução — a melhor tática é pois uma ampla e envolvida ação para se conseguir melhorar a incomparável situação da vida de hoje. A ganância dos produtores e a avidez dos senhorios, pode refrear-as a mão energica dum governo se se sentir fortemente apoiado pelo proletariado unido — que mais do que nunca precisa estar agora unido.

Bem sabemos que a questão é demasiadamente complexa e não se resolve dentro das constituições jurídicas dos Estados burgueses fundadas no direito da propriedade privada e da exploração iníqua do trabalho, mas a finalidade das medidas governamentais será o melhor instrumento de propaganda da improssibilidade do Estado burguês e o povo não continuará a dizer, como tantas vezes se ouve, que a questão é apenas de homens e de regimes.

Quando o povo reconhecer que apesar da boa vontade comprovada dalguns homens da república, os banqueiros continuam a encher-se de ouro e os pobres contam cada vez mais pobres, que os generosos sobrem-suspeiro de preço apesar das medidas muitas vezes sinceras como tabelamentos, varejos e outras disposições repressivas; que a libra não baixa e os cambios segravam agravar dos decretos do ministro de fazenda cujos intentos de acitar a vez inegável; o povo reconhecerá então que o mal não está nos homens mas sim no sistema das instituições que não permitem atesar esses problemas de frente.

E quando o povo reconhecer isso será genial a nossa causa e a do Comunismo e a da Revolução Social!

O SINDICALISMO PORTUGUÊS

A indiferença do operariado no tempo da monarquia. — Um partido de impotentes. — A propaganda republicana. — As quadrilhas políticas. — Estado social e mental da Sociedade portuguesa quando aparcceu entre nós o Sindicismo.

Tinha que ser. A. O proletariado português não podia continuar dando consecutivos passos em falso, ou a manter-se na expectativa idota em que se tem conservado, sem que de entre elas, um grupo consciente se revoltasse, tornando-se independente da parcela mal preparada intelectualmente, sem coragem, sem energia, que até agora tem sobre elas exercido a principal influência, mas que o tem feito com tanta infelicidade nos seus processos, que, apesar de favoráveis à sua dos Capitalistas, como demonstrou numa pequena série de artigos.

Mais devendo já, querer esclarecer, embora eu possa vir a pôr uma certa vivacidade nas minhas afirmações, longe está do meu espírito a ideia de que seja conscientemente que eles, até este momento, tenham cortado as pernas ao proletariado e descrito o cultivo do espírito revolucionário nas massas.

O facto tem sido mais filo da paixão sectarista e da vaidade, que os não deixa reconhecer que erraram — tudo conjugado com um bocadim de receio da responsabilidade, que traição classificada.

O negativismo da organização operária portuguesa, como todas as coisas humanas, tem a sua origem em circunstâncias perfeitamente palpáveis e também humanas, e, é desde a sua origem que nós o vamos estudar, alinhando os acontecimentos, tanto quanto possível, pela ordem cronológica, mas com a indispensável leveza.

Ignorante e exagerada como é a grande massa da população portuguesa, com os seus políticos e frenite, enquanto se aguentou a monarquia, pouca importância ligou à questão social. O partido socialista foi sempre um partido de impotentes e de incomprendidos, com a agravante de, não raro, algumas das suas figuras mais em destaque terem sido despedidas, como cristas a selo do juiz Veiga.

A massa operária, indiferente à sua sorte, contentando-se em que o seu salário lhe chegasse para a terna e para manter uma vida miserável de exploração da mulher e de vagabundagem para os filhos, aceitava, sem protestos, a sua situação de animal de carga, não se rebelando contra a desumanidade com que o tratavam, aceitando tudo de bom agrado, contentando-se com o mais miserável dos salários que se pagavam na Europa, ao serviço de uma industrial, tão estupido, como mau, que não dispõe de maquinaria indispensável nas suas oficinas, pretendendo cobrir os encargos de

esta República, teria sido necessário inventá-los.

Reconhecendo o operariado que o haviam ludibriado, que tinha medo de dizer, que este o conservava a sua raça, comeu e exorcizou a sua colera, de que resultou uma séria, sem luto de graves, a mesma parte provocadas, muito propulsivamente, pelo patronato, o que, não obstante, era bastante claro, não despouse os governos de acusa o operariado, que engravidou dizendo fazer a República em proveito dos quais (como tem sussurrado em todos os aniversários, seguidos, por culpa dos da maior parte dos militares operários, que nunca fizeram a menor diligência por aprová-la) de realizar aqueles movimentos para favorecer os consumidores monárquicos.

Foi assim, e com o miserável espetáculo que nos dão os políticos democristãos, todos os dias apresentando atraentes das especulações, que se cavou o fosso formidável que para sempre separa o povo laborioso, o povo extraviado e infeliz na sua bondade, das quadrilhas que se revesaram lá por cima, e a que, por eufemismo, se chiam partidos políticos.

Foi no alocerar desse estado de espírito que surgiu este novo a nova formula — o sindicalismo.

Como ela, lo interpretada e dirigida, é o que diremos num próximo artigo.

Armer.

Aos revolucionários sociais

NOTA OFICIAL
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Os Corpos Directivos do Partido Comunista Português, conhecedores da ação que com aplauso e incitamento acompanharam, de numerosos elementos comunistas filiados no Partido, que no recente movimento revolucionário pessoalmente interviveram para a libertação de todos os presos por questões sociais, quer de carácter económico, quer político — regozijam-se por essa prova de solidariedade com a qual se encontram inteiramente identificados, e saudam os presos ora em liberdade.

COMO A REPÚBLICA DOS SOVIETS PREPARA

UMA GERAÇÃO DE HOMENS LIVRES

A Revolução russa pode sofrer um compasso de espera; mas franeceu ela já uma formidável etapa pondo nos factos a supremacia proletária e revolvendo o mundo com este acontecimento. Ela mostrou aos trabalhadores o caminho a seguir e arde sempre com a mesma chama, uma chama que jamais pode extinguir-se.

Chegando à Rússia no momento em que se operava a transformação dum sistema económico que se adaptava a uma situação nova, corremos o risco de ser obviamente pelo espetáculo desta transformação que se efectuava aos nossos olhos e de ver reduzir-se o nosso campo visual. Mas a Revolução russa possui uma extrema riqueza de aspectos e é medida que penetravam na sua intimidade o horizonte alargava-se e na nossa frente surgiu através da paisagem atormentada, a estrada do futuro nitidamente traçada, a estrada onde se arranca a humanidade nova que a República soviética prepara com ardor, ao mesmo tempo que se entrega à preparação económica de amanhã.

A preparação humana consiste em particular na luta contra as trevas como nos dirá Lunatcharsky quando nos expõe a obra empreendida pelo governo revolucionário para arrancar da ignorância os milhões de camponeses de que os Soviets procuram a colaboração lucida, no inverso da cega submissão sobre a qual se apoiou a dominação tsarista.

Ao adulto das cidades cuja educação escolar foi igualmente sacrificada pelo antigo regime, são dadas todas as possibilidades de instrução compatíveis com as suas disposições pessoais.

E pois que há crianças sobre as quais incide a maior solicitude da Revolução, é delas que eu querho falar, porque são a esperança e são o futuro.

Cidade de crianças

Fui por um belo domingo de sol que eu fiz com um grupo de delegados de diversos países, o conhecimento da população infantil da Rússia revolucionária.

Além das escolas que estão espalhadas no país, escolares, pré-escolares e post-escolares, há em torno das grandes cidades, colônias infantis e cidades de organizações, como ali se chamam, onde são aplicados métodos de educação racional e aperfeiçoados. Nos arredores de Moscou há uns quarenta mil, aguardando-se que melhores condições económicas permitam multiplicar o número.

A colónia que visitei este domingo chama-se Bolchov. Esta situa-se a 40 veretas de Moscou e é dirigida por uma mulher que nos conquistou pela sua graça e pela expressão da sua fisionomia inteligente.

Na gare, apenas-nos apelamos do combóio, fomos cercados por um exame de crianças que nos conduziram a um campo próximo onde se entregavam a exercícios graciosos os seus diunas pequena orquestra, mais de quinhentas crianças que formam a colónia.

Os mais velhos tinham 14 a 15 anos e os mais novos 4 anos. Estavam todos vestidos de chitas de cores frescas e vivas. Os vestidos eram variados sem essa uniforme monotonia das crianças dos nossos países e pensionatos.

A infância aqui é envolvida de beleza. O vestuário mudava conforme os grupos de crianças. Os rapazes tinham o busto e as pernas nuas envergando apenas uma espécie de calção vermelho; as raparigas estavam vestidas de branco com as pernas nuas e descalças.

Um cacho de raparigas de 10 a 15 anos distinguiu-se pelo pequeno vestido imperio semeado de florinhas num fundo cor de rosa, com o peito e os braços nus. Ha ainda outras formas de vestidos com florinhas da primavera. Nos grupos aparecem sempre dumha limpeza impecável, com os cabelos bem cuidados, brillantes como seda e a pele brilhante pelo sol. Permanecem aquí desde o estio até ao começo de inverno.

"Forjaremos a felicidade do mundo!"

Estas crianças são filhos e filhas de operários comunistas, de soldados do exército vermelho; são também orfãos.

Professores, professoras e crianças dirigem-nos palavras de fraternal saudação, palavras de bondade de que só a Rússia parece conhecer o segredo. Retribuímos-lhes e partimos para a "cidade" que está situada cerca de dois quilometros d'ali e que compreende nove habitações, antigas vilas de burgueses que nos dispomos a visitar e onde estão alojadas as crianças por categorias. Aqui formam em filas e marcham diante de nós, a passo cadenciado, ao som da pequena fanfarra postada à frente. Teem bandeiras simbólicas em torno das quasi se agrupam. Com uma emoção que nos domina juntamo-nos, eu e Lucia Collard, para contemplar esta longa coluna que marcha o campo de cores heróicas, e escutarmos estas centenas de vozes moças que enchem o ar dum canto de que não compreendemos as palavras mas cuja musicalidade encanta. E' a canção dos Kounetz (os Forjadores), canção da infância e da juventude revolucionária que começa assim:

"Nós somos os forjadores, a nossa voz é mota."

Chegadas à "cidade" as crianças deslocam-se e vêm ter conoscendo. Servem-nos em uma casa uma refeição frugal, à sombra das arvores, no sítio onde as crianças comem e com as quais nos misturamos alegremente. Estas crianças que conhecem as desgraças dos miseráveis, como dizem na sua canção, pelos sofrimentos que vêm à sua roda e que se relata na tristeza passageira dos seus olhos, sabem também que ha no universo irmãos amigos que os sustentam contra os miseráveis e de que esperam com os grandes um auxílio sempre mais eficaz.

"Teem por ventura também um czar?"

Estas crianças são educadas no espírito internacionalista e fazem-no ingenuamente esta pergunta: "Vão também fazer já a revolução?"

Passam salientes-dumas para outras delegadas, das espanholas, para as italianas, para as inglesas, alemãs e francesas. Um rapaz faz-nos uma pergunta que nos admira e nos faz sorrir: "Teem por ventura também um czar?" Pergunta profunda na sua ingenuidade. Queria ele dizer que visto tardarmos tanto em socorrer a Rússia é porque sofriamo tambem a opressão dum czar.

A educação, como em todas as escolas da Rússia, é mixta. Rapazes e raparigas são classificados apenas segundo as suas disposições particulares. O grande princípio da pedagogia soviética é a procura dos dons naturais e a evidência do seu valor.

A criança é entregue a algum tempo à sua espontaneidade e sujeita a seu estudo. Quando mostra uma inclinação é orientada e de-

senvolvida no sentido da sua fé interior. Uma das casas da "cidade" é especialmente destinada à observação das crianças deixadas livres e sem entraves. São estudadas no ponto de vista psíquico e físico. As crianças que apresentam particularidades psíquicas inquietantes são postas à parte para não influenciar as outras e recebem uma educação apropriada. Ha dois sanitários para crianças fracas ou tuberculosas. Uma casa consagra-se à educação artística das crianças que mostram disposições para a arte e onde se ensina a pintura, a música e a dança. Ha também a "Casa comum" onde os rapazes crescidos, fôrões dos seus estudos, fazem jardim em proveito da coluna.

O ensino é a base social e orienta para o desenvolvimento do espírito colectivista. Todo este pequeno mundo, repartido racionalmente para a instrução escolar e a educação moral se abandona em bloco, em pleno campo, à cultura física que constitue um dos principais artigos do programa educativo, porque a Revolução russa quer fazer crianças sãs e bons lutadores. Assim, tem de tarde a tarde exercícios. Dir-se-á um bando de pardais caídos sobre o solo. A cultura física compreende sobretudo grandes evoluções de conjunto, artisticamente reguladas. A ginástica ritmica acompanhada de música, que está em tão grande voga na Rússia, é representada em larga escala. Aqui também a educação é mixta.

Esteticamente, e como evocação social, o mais belo numero dos jogos desportivos que nos deram em espectáculo, foram essas grandes e belas raparigas, esses grandes rapazes bem feitos, desenvolvidos em vasto quadrado, onde se alternava o vestido branco com o círculo vermelho, e executando um picado de ginástica ritmada seguido de quadros vivos. Viamos ali a imagem da sociedade futura, forte das capacidades desenvolvidas em comum dos homens e das mulheres.

LUCIA LICIAQUE.

A Organização Comunista Portuguesa

Por lapso de composição e revisão, deixaram de figurar no volume I, número 1, na lista das Comissões Administrativas dos centros comunistas já fundados, os nomes dos nossos presos camaradas do Centro de Évora, remedando hoje a involuntária falta de que aqueles camaradas pediram desculpa, na esperança de que eles nos farão a justiça de não apor em tal facto menos consideração; publicámos a seguir os seus nomes.

Antonio Balasar, Joaquim Nogueira; José Augusto Marques; José Augusto Marques; José de Maia Neto; José Sebastião Trindade.

Também do passado numero prometemos dar oportunamente contas dos trabalhos que vários camaradas estão activamente realizando em algumas vilas e cidades da província e das colônias, para a fundação de Núcleos de Centros Comunistas. Começando a cumprir a nossa promessa, já temos a registar a boa prova da constituição em Beja, de uma comissão organizadora de um núcleo local, a qual é composta pelos camaradas Manuel Ambrósio Pires, António Jacinto Pires e José Maria Canhos Chicharo.

Aos novos combatentes que galhardamente vêm enriquecer sob a bandeira vermelha da Revolução, o Comunista envia as suas fraternas saudações de boas vindas.

"O COMUNISTA"

ASSINATURAS
(ultimo número)

0 mês (12 números) 1800
7 mês 1400 2400
1 ano 1800 2800

1 ano 1800 2800

DA VIDA SINDICAL

NOTAS, COMENTARIOS & NOTÍCIAS

Abriindo

Reservamos esta secção, à critica e ao noticiário de todos os órgãos que a organização sindical va realizando.

Sómos pela verdade; não serviria esta tribuna à caínica ou à men'iro; havemos de nos servir sempre de maior intensidade e correção, porque se nosso carácter repugna sempre à luta quando não temos a escudar a lida, auroela de toda a grandezza de que deve revestir-se a justiça social.

Solidariedade?

Não nos agrada, porque daqui a pouco, não pode agradar a qualquer criatura medianamente conhecedora das lutas sociais e seus derivados, aquela resolução da Federação da Indústria da Construção Civil, recusando o subsídio da Caixa de solidariedade a dois presos, seus filhos por acaso, dos mais entusiastas e sinceros.

Aquela deliberação que se contrapõe implicitamente ao espírito que ditou a criação da alauda Caixa, cheira-nos a Jacobinismo e tal deploravelmente abre a mais gloriosa ou das mais premissas colectividades sindicais.

As caixas de solidariedade são de tão elevadas finas, que não devem servir a politiquos rédes ou a resentimentos pessoais.

5 mortos

Foi por funda a nossa dor de proletários, a recebermos a notícia daquela tremenda desgraça de Campo i Ogriano.

5 mortes e todas de obrários, de esforçados trabalhadores que morrejam o negro pão de cada dia numa consciência absoluta ou quasi absoluta de grave perigo que correm, servindo os inconfessáveis e gananciosos fins desses pretensos aconstrutores civis.

Foram 5 vidas certificadas em holocausto á turba insaciável de torturadores dessa caranguejola que para si está a desconjuntar-nos.

Esa burguesia ignorante e má que já criminosa vem dando a morte aos nossos, não se lembraria também de grave perigo que a ameaça?

Aos nossos leitores

Ninguém ignora as dificuldades da publicação do primeiro número de um jornal; por maior que seja a boa vontade e diligência empregadas sempre ele sai com inevitáveis deficiências.

Assim também o Comunista

vai à luz da publicidade com uma apresentação muito diferente da que tínhamos idealizado, seis as secções e disposição que lhe desejávamos dar.

Já na 2.ª tiragem que do primeiro nº se fez, procurámos melhorar-lhe o aspecto, rectificando sobretudo as inúmeras «gralhas» que lhe suspicavam o texto.

Esta 2.º número por motivo da precipitação com que é feito, devido aos últimos sucessos revolucionários, não corresponde ainda às nossas intenções, mas nos numeros subsequentes, com a valiosa cooperação moral e material de todos os camaradas para os quais apelamos, é nossa convicção que

«O Comunista» sairá já mais e muito melhorado.

Noticiário

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa, reuniu para tratar da libertação do delegado dos correiros que tomou por falta de numero legal.

A Federação Metalurgica reuniu o seu conselho federal que votou um protesto contra a má qualidade do pão.

A Federação Corticeira vai operar de diaque caso de agressão a um seu camarada, facto ocorrido no Barreiro.

A Federação dos Empregados no Comércio só isto por, resolvendo saudar todos os organismos sindicais.

Os aeronautas de Lisboa resolveram saudar os seus camaradas de Buenos Ayres e de Montevideo pelas suas greves vitoriosas.

Os operários do Municipio operaram das suas reclamações de melhoria de salário.

A Federação do Calçado de Coimbra e Peio, resolvem prosseguir os seus trabalhos para a fundação de sindicato único de Lisboa.

Os operários Lavradores e Limpeiros de Carros, resolveram protestar contra o não cumprimento do horário de trabalho.

Os operários dos fábricos estão descontentes por não ter sido ainda melhorada a sua situação económica.

A Secção da Federação da Construção Civil em Palmela inaugura o seu ano escolar de instrução primária.

A classe dos alfaiates vai festejar o 1.º aniversário da sua greve.

Os fragatários alegaram o presidente interino da Direcção.

O Sindicato Único Metalúrgico suspendeu as regalias aos sócios em dívida nas suas cotisações.

Os manufactores de calçado, da fábrica da Aldeia, dissolvem, resolvendo por maioria, conceder o subsídio da Caixa de Solidariedade ao seu consócio Joaquim Godinho.

O Sindicato Único Mobiliário resolveu protestar contra o princípio da sessão comemorativa do assassinato de Ferrer.

Vida Comunista

Centro Comunista de Lisboa

Este centro, ultimamente constituído, propõe-se desenvolver a máxima propaganda dos princípios que inspiram o Partido Comunista e para esse efeito a imprensa, comissão administrativa tem reunido, associado, constatando que os seus esforços tem provocado enorme entusiasmo no seio de todos aqueles que ardentes desejam libertar-se da burguesia e capitalista.

No passado terça-feira, reunida comissão, que aprovou várias propostas de novos sócios e marcou a conferência que noutro lugar se anunciada.

Trocaram em seguida impressões e prisas os jovens comunistas assim como lavrou o seu protesto pela pretendida proibição da conferência do passado domingo, ordenada pelo governador civil.

Passando no proximo dia, dia 7, o aniversário da Revolução Russa que libertou os nossos camaradas daquele país, da tutela burguesa e militar, revolução que os camaradas tem sido por todos os cartões da burguesia, tratada da forma de condenar desde já, além de outras resoluções, realizar uma grande sessão de propaganda comunista no referido dia.

Todos os dias se conta na sede do centro, um camarão da comissão, afim de atender quaisquer assunto de gente.

EM PROPAGANDA DO COMUNISMO

NO CENTRO COMUNISTA DE LISBOA

(CONTINUAÇÃO)

Terminamos hoje o relato da sessão de inauguração do Centro Comunista de Lisboa, realizada há 15 dias — relato este que no nosso 1.º número não pudemos publicar por completo, em virtude da necessidade de tanto quanto possível, atender ao numeroso original existente sobre a nossa banca de trabalho.

Interrompemos na altura em que o camarada Joaquim Cardoso, iniciando o seu discurso, se congratulou com o facto de, na sua vés, não só comunistas, mas representantes e intérpretes de outros idéias, na esperança de que tal significasse que se ia travar um alevantado debate de opiniões o qual ele muito desejava convicto de que o mesmo só contribuiria para purificar o carregado ambiente, por certos mal intencionados levantados à roda do partido.

Continuando, o orador passa a descrever a Revolução Russa e diz que tem sido «ela o evangelho sacroso em que mais do que em Kropotkin, mais do que em Grave, ele tem ultimamente aprendido. Faz o paralelo histórico entre a Russia dos Soviets e a França da Grande Revolução, para mostrar a maior grandiosidade da Revolução Russa sobre a Revolução Francesa».

Explique os motivos porque veio para dentro do Partido e mostra como nele cabe toda a gente sincera, pura, honesta; desinteressadamente revolucionária, e só revolucionária; como so-

bretudo dentro dele cabem os intelectuais que na C. G. T. não tem tido lugar, pela sua estrutura orgânica, os literatos, os cientistas, os teólogos, os médicos, que todos, pela sua indissociável capacidade mental, tanta falta fazem à ação do operariado normal organizado.

Daqui largamente deduz que a organização sindical não se bastando à transformação da sociedade, nem sequer se basta a si própria, e ataca os detractores do Partido que à volta dele só tem feito uma baixa especulação política, sem nobreza e sem ideal.

Considera a ditadura do proletariado como inevitável e para ela apela como garantia de defesa e estabilidade da Revolução Social dos trabalhadores.

Fala por fim o último orador inscrito, camarada Eduardo Freitas que começa lembrando que a melhor ação a praticar ao ser inaugurado o Centro Comunista de Lisboa, será dirigir as nossas saudações aos que nas priões sofrem pelo seu ideal.

Entende depois que o ponto principal da sessão será pregar o comunismo. Porque é necessário, diz, desempoeirar, ainda, a vista e o cérebro de muitos camaradas que andam iludidos.

Traça sugestivamente o quadro do descalabro político e financeiro da burguesia, examinando também o problema das relações entre o Partido e a C. G. T. Dentro desta existe presentemente uma maneira de agir que

não é talvez a melhor, mas longe de se continuar a obra de desagregação que de há muito se vem fazendo instintivamente, a tarefa sólida será antes pregar o levantamento e a moralização da organização sindical, influenciando-lhe de fora vida nova, para que ela mais alguma coisa faça do que enxistar banalmente o ministério do trabalho, sobre o tipo único do pão, ou realizar pretensas conferências ferrovias que todas as tendências poderiam ter afirmado, menos a de um caro-sindicalista revolucionário.

Preconiza a «fronte unica», como sendo já tempo de todos os socialistas acabarem com as suas disputas e uni-rem-se para fazerem a Revolução, com ditadura ou sem ditadura — não o sabe — porque serão as circunstâncias que nos hão de dizer se essa ditadura se tornará ou não necessária.

O orador que, durante todo o seu discurso, tem sido sempre vivamente apoiado por todos os lados da assistência, finge afirmar que dentro do Partido Comunista não ha apenas um recheio de homens que queriam tão somente fazer uma ditadura; eles pretendem antes agrupar todos os trabalhadores, e dizem-lhes:

Facemos a Revolução, a nossa Revolução, mas que ela seja nossa e só nossa, na certeza de que tanto mais longe a levaremos, quanto mais esclarecida e consciente for a neutralidade que lhe soubermos imprimir.

Por ultimo, exgotada a lista dos oradores inscritos, que todos foram muito aplaudidos, havendo sempre os trabalhos decorridos com o maior entusiasmo, o camarada dr. Sobral de Campos encerra a sessão, congratulando-se pela forma com que todos os oradores, em plena liberdade, expuseram o seu criterio.

Durante a sessão foram lidas as seguintes Laudações dos Jovens Comunistas presos na cadeia do Lameiro, em carta assinada pelo camarada Guilherme de Castro; duas da comissão administrativa do Centro, sendo uma às vítimas do despotismo capitalista do país e de todo o mundo, e outras aos operários organizados não só de Portugal, como internacionalmente; e tua quarta do Centro Comunista do Porto e das Juventudes Comunistas da mesma cidade, à organização de Lisboa, transmitida em telegrama.

Era já tarde quando se iniciou a desbandada da numerosa assistência, por entre calorosas vivas ao Partido Comunista, ao Centro Comunista de Lisboa, aos trabalhadores organizados, etc., tendo no final, um grupo de camaradas aberto entre si uma quête a favor dos presos por questões sociais que rendeu 19\$02.

E com este tocante gesto de solidariedade fechou definitivamente a bella sessão de propaganda com que tão auspiciosamente o Centro local inaugurou os seus trabalhos.

Nalgum ponto do trajeto o casal esteve liso — causando do ver numerosos tintaneiros ao acabarem as notas da marcha funebre, imediatamente porém todos, os chapéus na cabeça!

Santo de Deus de Misericórdia! Bem-aventurados são os pobres de espírito, deles é o reino dos céus!

As multidões!

A assim como a creança precita tutor para a encaminhar na vida grandes multidões que são indomáveis, quais crianças, precisa dos seus guias e tutores para educarem e encaminharem na vida da sua ação.

E é dentro destas Sociedades onde podemos ter uma certa supremacia, mercê dos factos e das realidades que são a razão de ser burguesa, que podemos modificar este estado de coisas?

De certo que não. Mas a quem leime em dizer que sim, contra tais opiniões me co-vo irreverente repetindo: Bem-aventurados são os pobres de espírito, que dizes é o reino... a VIEIRA da CRUZ.

Em Portugal é extremamente difícil fazer uma sublevação que derrube um governo, mas tem sido extremamente difícil fazer uma revolução. Por que? A sublevação faz-se sempre porque não faltam entre nós aventurários e porque o descontentamento da população e ambiente propício para os alicençamentos. Val-se-se saber para onde. A revolução faz-se porque os empreiteiros das bacias não se dão prontamente trabalho de estudar as reformas necessárias nos serviços e a manter estéticas. Temos que cair no medo errado?

Preocupados exclusivamente com resolução do problema político, os publicanos não viram o problema português. Demolidos a monarquia, os benficiários adveriam desse facto? políticos, simplesmente. Fizeram-se leis da separação da Igreja do Estado, do divócio, da família e de regime civil obrigatório e extinguiram-se congregações religiosas. Mais, assim declararam-se reformas sociais amplas — a lei dos acidentes no trabalho, seguros sociais obrigatórios com alcance que não é igualado nos países que caminham na vanguarda progresso; ai oito horas de trabalho. Medidas prematuras estas, isso que não foram procedidas acompanhadas por reformas económicas de igual alcance. Aquela, também da República é tudo o que se pode dizer. Quanto se resiste...! Faz-se o crédito agrícola, em moldes acautelados que resultou quase implica. Abriram algumas escolas nem se modificaram as suas condições de ensino e as condições de seu ambiente. Exceptuou-se a obra de Casal do Porto, que surgiu como um exemplo, neste mar de indiferença e apatia. O problema económico da República, sem o sentir, está cheio a resolver, ou esquecido.

Tres anos depois de feita a Republica a situação nacional era grave ainda que aquela de 1911 circulem. Sóciaria aumentava agravamento cambial, pronunciava-se a emigração, seguro indicava mal estar da população, atingiu porções assustadoras. Nunca se grava tanto. A República decide assim a sua falência para resolução nacional. Se houve solução foi aí resolvida a ato então, mesmo agora, depois da aventura de guerra. Nada ha a esperar do existente que supõe possível o regresso monarquia, seguramente cegos doidos.

CARLOS RATO

A CONFERÊNCIA DO DR. SOBRAL DE CAMPOS

Também no Centro Comunista de Lisboa se realizou no passado domingo com grande concorrência, a anunciar confecção, pelo nosso muito prezado camarada e amigo, Sobral de Campos.

Pelas 15 horas sobe ao estrado o camarada Carlos de Araújo que, em nome da Comissão Administrativa do Centro, faz a apresentação de confeção, trazendo em rápidas palavras o sôlo da sua personalidade.

Sugere-se imediatamente no uso do palavrão, Sobral de Campos o qual comeca por esclarecer não se propõe propriamente desde já a propaganda dos princípios comunistas, que outras conferências farão em futuras conferências, e que ele próprio também numera delas em oportunamente obedece.

Mas sim, antes fará agora o desenvolvimento de alguns pontos de critica crítica esta que, por assim dizer, servirá de preambulo à série de conferências que ele inaugura.

Olhando a sociedade portuguesa, no seio dos trabalhadores, o orador mos-

tra como na hora presente o operariado atravessa um período de estagnação na sua vida social. Relembra o que foi a propaganda avançada de ante a guerra e descreve como o grande esforço idealista de então, tão prometedor, degenerou progressivamente no mais estreito egoísmo de classe, em exclusiva luta contra a castaia da vida, pelo aumento de salário e pela diminuição de trabalho. Tal qual porém, como na vida material, em que naix se perde e se apena as transformações, o conferente tem feito que o idealismo de todo não haja perdido e breve ressurgiu intensamente em novas formas mais completas que as doutrinas à semelhança de brasa que momentaneamente abafadas sob cinzas, de subito se atela em altas labaredas.

O Partido Comunista Português, disse, propõe-se precisamente a vigente e urgente tarefa de criar, de novo, na massa trabalhadora, a ideologia mola real do progresso em todas as civilizações. No cumprimento do seu

programa largamente educativo e revolucionário — porque educar livremente é revolucionar eficazmente — o Partido Comunista agitará o problema das liberdades políticas que a Revolução mais uma vez tenta resgatar a liberdade de opinião, liberdade de imprensa, liberdade de associação, e cuidará ainda de outras questões de mais alto interesse moral, como sejam a emancipação da mulher e a educação da crença.

O orador entende tanto mais importante um novo saludo de todos estes problemas quanto cada vez maior é, e sem remedio, a dentro da actual ordem de coisas, a desagregação das forças políticas da República servida apenas por ambiciosos sem escrúpulos e totalmente desprovidos de qualquer grande cabeça, que como se de lá de terra, saibam ainda vir ao encontro das reivindicações sociais, com elas transfigurando para av. atenuar.

E assim preconiza a frente única de todo o proletariado, por nossa intima concordância entre a C. G. T. e

o Partido Comunista, na plena liberdade das suas funções específicas: lado, o papel económico da organização do trabalho, do outro, o papel político da conquista e defesa das liberdades populares.

O conferente que ha mais de 3/4 de hora vem prenendo intensamente a atenção de toda a assistência, que por vezes vivamente o apoia, termina a sua conferência com uma imagem tirada de «A Vida das abelhas», do Masterlink.

A sociedade em transformação é como um barco à vela que em lastro vai singrando. Não quisermos ver nós os revolucionários — o lastro, o peso morto, porque demasiado ha quem consciente e inconscientemente execute esse papel; sejamos antes a vela que baliza pelo vento, velozmente juntando o barco no esquema do futuro.

Uma quinta salva de palmas coroa as últimas palavras do orador, o qual antes de se retirar, é ainda particularmente muito felicitado por numerosos camaradas.

tradicional educação retrograda, cometem verdadeiros absurdos a ponto de apropriarem liberdade, estrangulando-a, querendo aqueles mais afilados que veem as coisas mais terra a terra e que desejam a luz derramada sem qualquer coisa que a ofusque.

Todos os revolucionários sociais têm iniciado o povo à Revolução, tendo sido feita a propaganda, por uns, acertada; mas infelizmente não têm sido estes em maioria.

Temos combatido dogmas e preconceitos, mas quasi sempre no mesmo terreno encontramos aquelas que são interessados em prejudicar — os reactionários — que são ainda uma força que desperta no fundo das inconsciencias, a tática hereditária da sua má educação.

A nossa propaganda e ação, o jornalista burgues ou revolucionário (?) que vende a sua pena e consciencia, insultam os seus protestos, nas colunas dos periódicos. Nas escolas a instrução é ministrada, insultando no cérebro da criança ideias más velhas, que qualquer memória do Egito.

As mudanças ignoras que têm ainda o cobre amoldado a dogmas e preconceitos seculares, mercê da

A instrução e educação do povo está nas mãos daqueles a quem não convém o raiar dum novo Sol que ofuscará todas as candeias que nas trevas tem iluminado a desgraça da humanidade.

Os massmários do púlpito, só numa hora urrando anatemas e impropérios, desfazem todo o nosso trabalho e sacrificio ameaçando a mulher com as chamas do purgatório se não cuajar o marido a retirar do seu Sindicato ou Centro de Instrução. E no final vejam.

E o que se vê, é o que observamos esse povo: for a verdadeira calamidade!

Mas... Lisboa não foge à regra. A multidão, a grande massa, está desacordada.

Ai de nós se amanhã no dia da Revolução que proponhos, não podermos ter mão nos seus desmandos!

Seria o caos, aonde no dia seguinte não veríamos forma de pôr a máquina a funcionar.

A multidãoularia contra nós, devorando-nos como culpados dos males causados.

Isto vem a propósito da grande e imponente manifestação realizada na segunda-feira última, onde mais de 50.000 operários manifestaram o seu protesto incoerente no funeral das vítimas da derrocada dum obra lá para os lados do Campo de Ourique.

Eram cerca de 17 horas, quando aquela enorme avaiana se pôs em marcha ao som dolente dum bandarra que executava uma marcha fúnebre. Centenas, milhares de cidadãos obrigarão a tirar o chapéu aqueles que não vendem nas notícias dum instrumento qualquer coisa de vergonha — não acatam imposições absurdas. Retinham bofetadas, chapéus arrancados das cabeças, o ugarilar da onda inconsciente range os dentes lançando imprecisões contra os mais audazes. Alguns dos que tales desmandos praticaram, pertencem ao numero dos que protestam contra a autoridade, contra a ditadura, não à lembrar de os cérebros ócos, da ditadura forçada à lambada que estavam exercendo.

As multidões ignoras que têm ainda o cobre amoldado a dogmas e preconceitos seculares, mercê da

NOTAS DISCORDANTES

AS MULTIDÕES

Estou farto de férias. Os factos são que são hoje o fanal que nos indica o caminho a seguir.

Muito se tem apropriadamente sobre a pouca instrução e educação do povo, sem que os que apropriadamente admitemos alegarem adjectivos bombásticos a tal respeito, sejam capazes de resolver o problema, ou dar uma opinião acertada tendendo a esse fim.

Que Portugal tem cerca de 75 por cento de analfabetos, isto é, gente sem instrução e educação do povo, sem que os que apropriadamente admitemos alegarem adjectivos bombásticos a tal respeito, sejam capazes de resolver o problema, ou dar uma opinião acertada tendendo a esse fim.

Ainda reacionaria espalhar os passos movimentos, não podendo nós pinguem neste círculo de ferro que nos cerca, ter força bastante para o despedir.

As mudanças ignoras que têm ainda o cobre amoldado a dogmas e preconceitos seculares, mercê da

O movimento revolucionário
nos
níveis por questões sociais

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

BASES ORGANICAS PROVISORIAS (CONTINUACAO)

CAPITULO VII.

Da organização do Partido nas Colónias

Base 10.— Nas colónias o Partido Comunista Português organizar-se-há em federações provinciais autónomas, constituídas por blocos formados pelas associações operárias e ligas indígenas, instituídas por localidades, distritos ou regiões.

Base 11.— As Federações Provinciais Comunistas das Colónias terão uma representação adequada no órgão nacional executivo do Partido.

CAPITULO VIII.

Das organizações direcções do Partido

Base 12.— São órgãos directivos do Partido Comunista Português:

- 1.º um Congresso Geral;
- 2.º uma Junta Nacional;
- 3.º um Conselho Económico Nacional;
- 4.º uma Comissão Geral de Educação e Propaganda.

CAPITULO IX.

Do Conselho Económico Nacional e suas atribuições

Base 13.— O Congresso é a expressão suprema da vontade colectiva do Partido.

Base 14.— Constituem o Congresso:

- 1.º os membros da Junta Nacional, do Conselho Económico Nacional, da Comissão Geral de Educação e Propaganda; 2.º os representantes de todos os corpos directivos das secções regionais, das federações municipais e das federações das ilhas adjacentes e das colónias; 3.º os delegados de todos os comités locais ou centros e de outras quaisquer agrupações adherentes; e 4.º os representantes de todos os jornais filiados.

Base 15.— Compete privativamente ao Congresso:

- 1.º elaborar e ravar o programa, bases orgânicas e regulamentação geral;
- 2.º resolver sobre a tática e os processos de ação a seguir;
- 3.º tratar das questões económicas, sociais e políticas, de qualquer natureza, que directa ou indirectamente interessarem ao Partido;
- 4.º aprovar os relatórios das organizações directivas superiores do Partido.

Industria em Portugal

Artes gráficas

Sob todos os aspectos, pode Portugal orgulhar-se de possuir os mais inígnitos e os mais dedicados cultores destas artes. Em tipografia, em litografias, na encadernação, e ainda nos ramos subsidiários de cada um destes mestres, os nossos artistas são excelentes. Os seus trabalhos de primeira or. m. Lutando, quasi sempre, se não sempre, com as más condições higiênicas das oficinas, com as inadecções e a incerteza do capitalismo e a falta de método e de iniciativa de quem de direito, nem por isso, o artista português deixou de ser sempre grande artista que é. Os trabalhos tipográficos portugueses, não reciam confronto de categoria alguma. A encadernação portuguesa é excelente. Da Imprensa Nacional saem trabalhos magníficos e correctos, em seu detalhe e em seu conjunto. E o mesmo se poderá dizer da maior parte das oficinas gráficas de Portugal, sondas o operário, que a si próprio se faz, é sempre inteligente e consciente.

Ainda não há muitos anos, na exposição internacional realizada em Leipzig em 1911, as artes gráficas portuguesas conquistaram o juro prémio que mereceram, sem favor algum. Perante os maiores países al representados, sobremeteu figuraram-se momentos em que fechamos esta a comissão, já reforçada com elementos do Partido Comunista que os delegados da C. G. T., estavam activamente nos seus trabalhos para a libertação de todos os restantes e por questões sociais:

«Ultima Horas daremos conta de ocorrência mais sobre o assunto. Rende já o Comunista sauda prius que tão afiamente tem lutado pela liberdade de todos os povos a ferros da República, gritando VIVAM OS REVOLUCIONÁRIOS Viva!

e votar as proposições que forem apresentadas: 5.º votar os orçamentos de receitas e despesas gerais; 6.º eleger os corpos directivos partidários.

CAPITULO X.

Da Junta Nacional e suas atribuições

Base 16.— A Junta Nacional é o mais alto corpo executivo do Partido Comunista Português.

Base 17.— As Federações Provinciais Comunistas das Colónias terão uma representação adequada no órgão nacional executivo do Partido.

CAPITULO XI.

Do Conselho Económico Nacional e suas funções

Base 18.— O Conselho Económico Nacional é o organismo administrativo da Caixa Geral do Partido Comunista Português.

Base 19.— Pertence ao Conselho Económico Nacional, como supremo corpo de administração financeira do Partido, organizar o orçamento geral, criar fontes de receitas, fazer a cobrança de cotas e de outras rendimentos e prover às despesas gerais; promover estatísticas de produção, de consumo, demográficas, etc.

* * *

CAPITULO XII.

Da Comissão Geral de Educação e Propaganda e suas atribuições

Base 20.— A Comissão Geral de Educação e Propaganda é o órgão coordenador da ação de educação moral e intelectual do Partido Comunista Português em todo o país.

Base 21.— Pertence à Comissão Geral de Educação e Propaganda, em especial, promover a educação intelectual e profissional dos trabalhadores, a realização de conferências científicas, literárias e culturais, debates, etc.

* * *

CAPITULO XIII.

Das disposições transitórias

Base 22.— Provisionalmente, enquanto não forem rotadas as bases orgânicas definitivas, bem como o programa pelo Congresso geral do Partido, os primeiros corpos directivos, políticos, administrativos e de propaganda, designados nos n.ºs 2, 3 e 4 da base 2.º, serão eleitos por uma assembleia geral constituída por todos os membros fundadores do Partido Comunista.

* * *

CAPITULO XIV.

Das disposições transitórias

Base 23.— Provisionalmente, enquanto não forem rotadas as bases orgânicas definitivas, bem como o programa pelo Congresso geral do Partido, os primeiros corpos directivos, políticos, administrativos e de propaganda, designados nos n.ºs 2, 3 e 4 da base 2.º, serão eleitos por uma assembleia geral constituída por todos os membros fundadores do Partido Comunista.

* * *

CAPITULO XV.

Das disposições transitórias

Base 24.— Constituem receitas nos centros os comitês locais:

1.º os produtos das cotas dos seus adherentes, deduzida a percentagem para o cofre geral do Partido; 2.º os produtos das vendas das suas publicações; 3.º qualquer donativo ou subsídio que lhes forem feitos.

Base 25.— Sais por cento, pelo menos da receita bruta do Partido serão destinados a constituir um fundo de reserva, cuja aplicação só pode ser determinada pelo congresso.

* * *

CAPITULO XVI.

Das disposições transitórias

Base 26.— Provisionalmente, enquanto não forem rotadas as bases orgânicas definitivas, bem como o programa pelo Congresso geral do Partido, os primeiros corpos directivos, políticos, administrativos e de propaganda, designados nos n.ºs 2, 3 e 4 da base 2.º, serão eleitos por uma assembleia geral constituída por todos os membros fundadores do Partido Comunista.

* * *

CAPITULO XVII.

Das disposições transitórias

Base 27.— Provisionalmente, enquanto

fortes qualidades que possuem as artes gráficas em Portugal.

Sem falar na Imprensa Nacional

de Lisboa e nas oficinas gráficas

jornalísticas, existem em Portugal mai-

de 200 tipografias e litografias, das

quais de 110 em Lisboa e 70 no

Porto, não sendo por isso exagerado

calcular em 4000 indivíduos o peso

social empregado nas artes gráficas

em Portugal.

Consideremos, todavia, que estas

artes não podem ainda desenvol-

vimentar a sua função social. Não se ex-

ploram, deviantemente, os mercados do

grafia, nem se faz uso das grandes

literaturas portuguesas, nas reedições

de preços baixos, como no estrangeiro

se pratica. Além disso, a litografia e a

a fotografia, em ilustrações, está

ainda nos atrasados, talvez mercedo

do atraso intelectual e do gosto artístico

de grande parte do povo português.

Por outro lado, aqui, é mais fácil

encontrar quem lida um livro

francês, que seja, do que um livro dos nossos grandes

escritores. O juro, pretenso, e a

meia não menos pretenso, do

labor, das artes gráficas francesas,

têm horror às portuguesas, desfeitas

de uma denacionalização que ha-

haos se vêm insulisticamente infiltrado

na nossa cultura, e de cujos resulta-

dos, o futuro de Portugal se há de

fundamentalmente resumir, sob todos os

seus aspectos, económicos e sociais,

o indispensável remédio não vien-

do tempo, ou quando queremos

que a imprensa portuguesa

é a única que permanece

no seu nível de cultura.

Hoje, domingo, pelas 14 horas

realizava-se na sede provisória desse

organismo, rua do Arco Marques

de Almeida, 30, a 2.ª, a segunda confer-

ência de propaganda comunista, da qual

esta Génio se propõe desvendar

afim de difundir o mais possível

os vanguardistas principios do Partido Co-

munista.

Os representantes de todos os variados

setores da vida social, e, particularmente

os dirigentes das organizações

operárias, e os dirigentes das organizações

de classe, que representam os interesses

da burguesia, e os interesses da burguesia

em Portugal, e os interesses da burguesia